

ASPECTOS DE UMA *VITA SIMPLEX* NA LÍRICA HORACIANA

Antonio Marcos Gonçalves Pimentel¹

Resumo: Horácio, em sua obra, deixou bastante claros seus posicionamentos ético-morais com os quais decidira viver, e com os quais fora desde cedo educado: a *aurea mediocritas* e o *carpe diem* – embora tais denominações tenham sido tardias, constituindo-se como tal apenas pelos seus versos. Neste trabalho, fazemos um pequeno levantamento léxico-semântico para identificar, na obra lírica de Horácio, a forma com que esses valores foram descritos e inseridos literariamente, analisando também alguns entornos culturais de sua produção.

Palavras-chave: 1. Literatura Latina; 2. Lírica; 3. Horácio.

I. Introdução.

Dentro do conjunto da obra de Horácio, transitam temas e métricas variadas. Há, contudo, uma certa unidade, uma certa harmonia temática em seus textos, sejam eles as sátiras, as odes, epodos ou as cartas: uma certa filosofia, uma visão, poderíamos dizer com uma pequena dose de indulgência diacrônica, de ‘antropólogo’ por parte de seu autor. Explicamos. Valendo-nos de breve análise literário-comparativa, podemos identificar que, diferentemente dos ataques ácidos e quase gratuitos de Lucílio a seus desafetos dentro de uma ferina atmosfera satírica, ou então, ao invés de uma lírica catuliana apaixonadamente profunda e de um erotismo que beira o sublime – ainda que todo esse lirismo vagueie do ódio ao amor, da amizade ao desprezo de acordo com o estado de espírito de seu autor –, Horácio, devido a sua influência epicurista, mas também a traços de sua personalidade, sempre preferiu a crítica refletida, a construção de uma sátira forjada na temperança, dentro de uma visão macro, do tipo causa e conseqüência, ainda que contundente. Não importa se o que se escreveram foram o amor, a crítica social ou a exaltação a Augusto: com pequenas exceções, e mesmo assim tênues, Horácio é o poeta da parcimônia, da compreensão ou, é o máximo que o

¹ Professor de Latim pela UFF (RJ), Mestre em Letras e Doutorando bolsista do CNPq em Literatura Comparada ambos também pela UFF (RJ). Atualmente é professor credenciado no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Cultura Latina (UFF / RJ). Email: antoniomarcosgopimentel@hotmail.com

eufemismo permite, da acidez contextualizada, sempre em prol de uma *humanitas* maior, de uma poesia quase (pseudo?) didática, uma concepção filosófica *lato sensu*!

Neste mosaico harmonioso, temático mesmo, vamos encontrar os matizes que compõem esta unidade: a *aurea mediocritas* e o *carpe diem*, vindas do epicurismo, mas também de uma relação de extremos que Horácio viveu em relação a suas origens e a seus relacionamentos pessoais e sociais pelos quais passou mais tarde: a pobreza e o trabalho árduo, a riqueza e o ócio, a vida na cidade e a vida no campo, fazendo-se e conhecendo o homem da paz e o homem da guerra. Horácio viveu, portanto, extremos, dicotomias, antíteses sociais e morais; não distintas, pelo contrário, muitas vezes bastante próximas. Por isso escreve com a pena equilibrada, exaltando precisamente o meio-termo, no amor, na vida, no trabalho e por toda a *romanitas*.

Horácio foi antes de tudo um observador do *ciuis* e do *homo*, da *urbs* e do *agrum*. Horácio foi o fiel da balança da cultura romana na época de Augusto que, por sua vez, também foi ela própria um marco de tranqüilidade, um meio-termo entre as guerras e a estagnação social de toda uma civilização. É Pichon que nos dá conta, de forma resumida porém brilhante, das origens de Horácio e de suas influências posteriores no conjunto de sua obra:

“Son éducation, commencée par les conseils de son père, s’achève à Athènes par la fréquentation des écoles de philosophie. Son père, homme de sens très droit, lui prêche une morale toute pratique, en lui montrant du doigt les débauchés réduits à la ruine ou au déshonneur. Cette sagesse bourgeoise, appuyée sur des faits et sur des exemples, est complétée par l’étude théorique de la morale. (...) Il lit les ouvrages des penseurs grecs, et aussi le poème de Lucrèce, dont il s’inspirera à plusieurs reprises. Il a un penchant naturel vers l’épicurisme, sans dédaigner pourtant les doctrines de Platon et des stoiciens”. (PICHON, S/D: 360-361).

II. As Odes Horacianas: Algumas Características Principais.

Como já dissemos, uma das principais características das *Odes* de Horácio é a sua miscelânea temática, ainda que composta de uma unidade filosófica e crítica por

detrás dos temas e métricas variadas. Há, contudo, algumas particularidades que dão um perfil distinto às odes de Horácio: a presença de elementos mitológicos, a própria filosofia, dedicatórias a amigos (por metonímia, à própria Roma?), conselhos e confidências, mais ou menos como fizera nas sátiras, mas através de uma linguagem poética, uma espécie de retórica lírica. Define assim a lírica horaciana Jean Bayet:

“Une part considérable des *Odes*, de ton épicurien ou moral, n’est que transposition lyrique des ‘Causeries’. D’autres, beaucoup de bluettes galantes ou mythologiques en particulier, révèlent surtout Horace amateur d’art, très sensible aux formes, aux reflets, aux couleurs, sans émotion autre qu’esthétique. Quand il met en scène des mythes, à la façon des Grecs, il leur adjoint assez souvent un symbolisme moral; mais aucun sentiment religieux ne réalise l’unité de la légende et de son interprétation. Partout imitation savante et souvenir des Grecs: non seulement Alcée et Sappho, mais Stésichore, Anacréon, Théognis, Simonide, Pindare, et maint autre, souvent pour un simple détail de style, et même en des mouvements qui semblent d’inspiration très latine”. (BAYET, 1950: 344-345).

Não podemos, contudo, pensar nas *Odes* de Horácio sem ignorar um fator motivacional fundamental para sua criação: Augusto e a *Pax Romana*. As primeiras odes de Horácio foram encomendadas por Augusto, mas seu autor não quis apenas lapidá-las sob a égide de uma lírica bélica de exaltação, mera propaganda política e, por não nos estendermos, instrumento de manipulação ou, como dirá Althusser bem mais tarde, aparelhos ideológicos do Estado? Achou por bem trabalhá-las, as odes, em paralelo – e interseccionando-as – com as questões morais com as quais sempre conviveu desde sua infância, orientado pelo código de ética tão rigidamente apregoado por seu pai, supondo, é claro, que esse histórico narrado pelo próprio Horácio seja factual. Nesse sentido, as *Odes* se aproximam bastante das *Sátiras*, mas os dois gêneros mantêm suas características essenciais sem se perderem ou se confundirem enquanto estilo. Como dirá Bayet em relação a essa questão: “La morale d’Horace s’y [nas *Odes*] eleve encore d’un degré”.(BAYET, 1950: 371).

No mais, os críticos concordam que Horácio é um artesão das palavras no que tange às *Odes*. A forma com que escolhe o vocabulário e as estruturas oracionais, o

modo pelo qual constrói as estrofes, trabalha metáforas, entrelaça a moral com a estética de modo a se fundirem numa única perspectiva de um lirismo intenso e humano acima de tudo fazem de Horácio um expoente da lírica romana, especialmente no período literário da época de Augusto.

III. A *Aurea Mediocritas*, a Simplicidade e o Repúdio aos bens materiais na Lírica Horaciana: Estudos de Caso.

São muitas, como vimos, as temáticas nas *Odes* de Horácio. Uma, no entanto, nos interessa mais de perto para o presente trabalho, e pode ser resumida numa única palavra: simplicidade. É verdade que a *aurea mediocritas* está inserida num contexto maior de simplicidade, de vida rústica e equilibrada. Também faz parte deste meio-termo, desta “justa medida” platônica – e não podemos esquecer que Horácio tem formação grega e agregou seus valores à sua conduta pessoal e literária – a questão da recusa dos excessos materiais, do luxo, da riqueza e do desnecessário a uma *fortunata uita*. Ficaria ainda, contudo, uma questão no mínimo curiosa: quando Mecenas oferece a Horácio uma propriedade rural na Sabina, fica o poeta influenciado pelo novo estilo de vida ou, o fato de aceitar essa oferta de Mecenas já sinalizava para uma tendência particular e muito própria de um *modus uiuendi* mais espartano de vida? Em outras palavras: já havia no caráter de Horácio uma *aurea mediocritas* e um *carpe diem* que se identificaram – e aproveitaram – com a oportunidade apresentada por Mecenas ou apenas se manifestaram depois da aceitação dessa proposta?

De qualquer maneira, o campo semântico com que iremos trabalhar a partir de agora é a simplicidade da vida que Horácio levanta como bandeira. Nesta simplicidade, além das questões acima propostas – e que os teólogos cristãos medievais vão rearrumar como textos de uma doutrina cristã prévia e leiga, transformando Horácio numa *auctoritas* –, também estarão presentes, conseqüentemente, toda uma série de valores ético-morais – que perpassam a *romanitas* e podem ser situados numa ontologia do “humano”, para não fugirmos de uma mentalidade medieval –, como a amizade, o amor, a vida, o respeito, a honradez e tudo o mais que de essencialmente “bom” devesse ser construído visando a uma vida satisfatoriamente plena, no sentido muito mais

epicurista do que materialista. Nosso *corpus* se constituirá das seguintes odes: do livro I das *Carmina*: XXXI, XXXVIII; do livro II das *Carmina*: XVI e XVIII², sendo examinados os textos latinos com o apoio de suas respectivas traduções feitas por nós. Nossa metodologia, contudo, se traduzirá numa evidenciação, via identificação lexical, de expressões e significações que demonstrem e realizem essa simplicidade funcional como meio de vida. Passemos, pois, à análise das odes escolhidas.

| | |
|--|---|
| <p>I, XXXI</p> <p>Quid dedicatum poscit Apollinem uates? Quid orat, de patera nouum fundens liquorem? Non opimae Sardiniae segetes feraces,</p> <p>non aestuosae grata Calabriae 5 armenta, non aurum aut ebur Indicum, non rura, quae Liris quieta mordet aqua taciturnus amnis.</p> <p>Premant Calena falce quibus dedit Fortuna uitem, diues et aureis 10 mercator exsiccet culillis uina Syra reparata merce,</p> <p>dis carus ipsis, quippe ter et quater anno reuisens aequor Atlanticum inpune: me pascust oliuae, me cichorea leuesque maluae. 15</p> <p>Frui paratis et ualido mihi, Latoe, dones, at, precor, integra cum mente, nec turpem senectam degere nec cithara carentem. 20</p> | <p>I, 31 - O ócio e a simplicidade são desejados mais que os bens materiais.</p> <p>Que pede o vate ao celebrado Apolo? Que pede, derramando do seu copo Um vinho novo? Certo, não as férteis Colheitas da Sardenha, ou os rebanhos Soberbos da Calábria ardente, ou o ouro, Ou o índico marfim, nem as campanhas Que o Liris, taciturno rio de quietas Águas, desgasta. Corte, à foice, a vinha De Cales o feliz a quem fortuna A deu; e o rico mercador enxugue As taças áureas do adquirido vinho, Por trocas feitas no mercado sírio, Querido que é dos próprios deuses; pois, Três vezes ou talvez quatro, cada ano, O mar Atlântico visita impune. A azeitona, a chicória ou a leve malva São os meus alimentos prediletos. Dá-me, – eu te peço, – filho de Latona, A mim, válido, forte, íntegra a mente, Dá-me que frua da fortuna ganha E velhice não sofra vergonhosa, Nem me venha a faltar jamais a lira.</p> |
|--|---|

Análise: Esta ode é uma das obras mais representativas de Horácio, talvez a mais característica, em que encontramos com clareza a questão da simplicidade e da exaltação à frugalidade como meio sábio de levar a vida. Nesta ode, o campo semântico está preenchido à exaustão de elementos semânticos ligados à materialidade, principalmente aos alimentos e às bebidas. Nos primeiros versos também está clara a

² Texto e tradução: FERRAZ, Bento Prado de Almeida. **Odes e Epodos**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

crítica à religião bem ao gosto epicurista. Põe o poeta, nas ações do sacerdote, um gosto pelos verdadeiros valores da vida: a lira e a velhice confortável, ao invés do que, parecidos, pelos versos, ser o comum nos pedidos aos deuses: riquezas materiais.

| | |
|---|--|
| <p>I, XXXVIII</p> <p>Persicos odi, puer, apparatus, displicent nexae philyra coronae, mitte sectari, rosa quo locorum sera moretur.</p> <p>Simplici myrto nihil adlabores sedulus, curo: neque te ministrum dedecet myrtus neque me sub arta uite bibentem.</p> | <p>I, 38 - O ócio produtivo e prazeroso em detrimento do trabalho árduo ou do requinte</p> <p>Odeio, servo, o pérsico aparato, Coroa enjeito que do til se trance, Renuncia a buscar o lugar, onde Duram as rosas.</p> <p>5 Nada acrescentes, pois, ao simples mirto, Zeloso servo! Ele a ambos nós convém: A ti, servindo; a mim, sob a parreira, Calmamente bebendo.</p> |
|---|--|

Análise: Num diálogo com seu servo, Horácio comenta não só sobre sua preferência ao simples e ao frugal, como também nos fala da fugacidade e da ilusão que são os amores eternos (na figura das rosas que duram). A imagem da segunda estrofe remete ao bucolismo do ócio produtivo que tanto influenciará mais tarde, por exemplo, o movimento literário arcadista brasileiro e muitas pinturas renascentistas. Note-se, contudo, que dentro desta simplicidade, está a figura do servo. Ainda que tal figura fosse uma marca cultural da Antiguidade, cria-se algum paradoxo ou incoerência no discurso da simplicidade com, precisamente, tal figura, quando ambas não poderiam, *a priori*, coexistir num discurso de simplicidade.

| | |
|--|--|
| <p>II, XVI</p> <p>Otium diuos rogat in patenti prensus Aegaeo, simul atra nubes condidit lunam neque certa fulgent sidera nautis;</p> <p>otium bello furiosa Thrace, otium Medi pharetra decori, Grospho, non gemmis neque purpura uenale neque auro.</p> <p>Non enim gazae neque consularis summouet lictor miseros tumultus mentis et curas laqueata circum tectae uolantis.</p> | <p>II, 16 - exaltação da serenidade e simplicidade frente à riqueza material)</p> <p>Surpreso no amplo mar Egeu, o nauta, Logo que nuvem atra esconde a lua E estrela alguma arde no céu, aos deuses Pede descanso;</p> <p>5 Descanso pede a furibunda Trácia, Pede-o o meda de aljavas enfeitado, Grosfo, porque, com gemas de ouro, nunca Podem comprá-lo.</p> <p>10 Pois o ouro e o consular litor não tiram As agitações míseras do espírito</p> |
|--|--|

| | | |
|--|----|---|
| <p>Viuitur paruo bene, cui paternum splendet in mensa tenui salinum nec leuis somnos timor aut cupido sordidus aufert.</p> | 15 | <p>E os cuidados que os tetos sobrevoam Ricos de ornatos.</p> <p>Vive com pouco e bem aquele a quem Pátrio saleiro espande à mesa simples E não lhe rouba o sono, o medo e a inveja, Sórdido vício.</p> |
| <p>Quid breui fortes iaculamur aeuo multa? Quid terras alio calentis sole mutamus? Patriae quis exul se quoque fugit?</p> | 20 | <p>Por que, assim, tanto, intrépidos visamos, Se a vida é breve? Buscar outra terra, Sob outro sol? Mas quem, fugindo à pátria, Foge a si mesmo?</p> |
| <p>Scandit aeratas uitiosa nauis cura nec turmas equitum relinquit, ocior ceruis et agente nimbos ocior Euro.</p> | | <p>Navios de bronze o mórbido cuidado Escala; eqüestres esquadrões persegue, Mais rápido que o cervo, mais veloz Que Euro soprando.</p> |
| <p>Laetus in praesens animus quod ultra est oderit curare et amara lento temperet risu: nihil est ab omni parte beatum.</p> | 25 | <p>Alegre no presente, que a alma odeie Os cuidados futuros, e a amargura, Adoce-a, a rir: felicidade inteira, Isso ao há.</p> |
| <p>Abstulit clarum cita mors Achillem, longa Tithonum minuit senectus, et mihi forsan, tibi quod negarit, porriget hora.</p> | 30 | <p>Morte precoce arrebatou Aquiles, Longa velhice consumiu Titono, Talvez o fado me conceda aquilo Que te negou.</p> |
| <p>Te greges centum Siculaeque circum mugiunt uaccae, tibi tollit hinnitum apta quadrigis equa, te bis Afro murice tinctae</p> | 35 | <p>Cercam-te com rebanhos a mugir De vacas sículas, relincha-te a égua À quadriga apta, lâ três vezes tinta Do áfrico múrice</p> |
| <p>uestiunt lanae; mihi parua rura et spiritum Graiae tenuem Camenae Parca non mendax dedit et malignum spernere uolgens.</p> | | <p>Para o teu uso tens, a mim, me deu Pequeno campo, o sopro das Camenas Gregas e o dom de desprezar o vulgo, Parca veraz.</p> |

Análise: É possível que a última estrofe denuncie ser esta ode dedicada a Mecenas (“deu-me pequeno campo, daí, a casa da Sabina”). Há um sinal forte de epicurismo nessa ode, quando o poeta diz que, ao menor sinal de perigo, chama-se pelos deuses. Como, na ode, não há resposta destes, mas, ao invés disso, uma crítica severa à imobilidade dos bens materiais no socorro necessário e último à vida, pensamos numa ironia como tema nestes primeiros versos. Há alguns outros eixos temáticos que se destacam. Um deles são os termos materiais muito próprios dos símbolos de riqueza ou

mundividência da *romanitas* do tempo de Horácio e, de uma maneira geral, da História de Roma: o sal, o bronze, o ouro, o mar, o navio, a quadriga e os rebanhos, por exemplo. Também é esta ode uma grande referência mitológica: temos as Camenas (Musas), Aquiles, Títono, Euro, Parca e Grosfo. Um outro eixo está representado pela *aurea mediocritas*, que se entrelaça com a questão da simplicidade, da fugacidade do tempo e do *carpe diem*. Esta é uma ode muito representativa do pensamento de Horácio, onde toda sua essência filosófico-ontológica pode ser percebida como um todo ou, se quisermos, dividida em temas, mas sem perder a unidade.

| | | | |
|--|----|---|----|
| II, XVIII | | II, 18 - Ode contra a avareza. A verdadeira felicidade vem do contentamento com o que se tem. | |
| Non ebur neque aureum mea renidet in domo lacunar; non trabes Hymettiae premunt columnas ultima recisas Africa, neque Attali | 5 | Nem marfim nem áureo teto Rebrilham ricamente em minha casa, Nem arquitraves do Himeto Descansam em colunas recortadas Nos africanos confins. | |
| ignotus heres regiam occupavi, nec Laconicas mihi trahunt honestae purpuras clientae. At fides et ingeni | | Nem como ignoto herdeiro me instalei de Átalo em fausto palácio; | 5 |
| benigna uena est pauperemque diues me petit; nihil supra deos laccio nec potentem amicum largiora flagito, satis beatus unicus Sabinis. | 10 | nem para mim clientes bem-nascidas fiam púrpuras lacônias. Mas consideração eu tenho e veia De algum talento fecunda, | 10 |
| Truditur dies die nouaeque pergunt interire lunae; tu secunda marmora locas sub ipsum funus et sepulcri inmemor struis domos marisque Bais obstrepentis urges | 15 | E a mim, que pobre sou, o rico busca. Nada mais peço que isso Aos Deuses, nem ao poderoso amigo Bens mais amplos solicito, Já que a felicidade mora inteira Na minha herdade Sabina. | |
| summouere litora, parum locuples continente ripa. Quid quod usque proximos reuellis agri terminos et ultra limites clientium | 20 | Um dia expulsa o outro e as luas novas Continuam a morrer... Tu, a um passo da morte, arrendas mármore, Para que sejam talhados, E, da tumba esquecido, ergues mansões; Em recuar tu te empenhas | 15 |
| salis auarus? Pellitur paternos in sinu ferens deos et uxor et uir sordidosque natos. Nulla certior tamen rapacis Orci fine destinata aula diuitem manet | 25 | As praias para o mar que em Baias brame, Não feliz com a terra firme... E ainda... Por que arrancas, sem cessar, Marcos do campo vizinho | 20 |
| erum. Quid ultra tendis? Aequa tellus pauperi recluditur regumque pueris, nec satellites Orci | 30 | E, cúpido, ultrapassas os limites Dos teus humildes clientes? A mulher e o marido são expulsos Transportando no regaço Deuses paternos e andrajosos filhos... | 25 |

| | | |
|--|-----------|---|
| <p>callidum Promethea reuexit auro captus. Hic superbum Tantalum atque Tantali genus coerces, hic leuare functum pauperem laboribus uocatus atque non uocatus audit.</p> | <p>35</p> | <p>Nenhum palácio, entretanto, Mais certo espera o rico usurpador, Que o que lhe foi destinado Pela avidez no inevitável Orco. 30 Abre-se a terra igualmente Ao pobre e para os filhos dos monarcas. Nem mesmo o guarda do Inferno, Pelos brilhos do ouro seduzido, Deixou voltar Prometeu, 35 Tão astuto. É Caronte que ao soberbo Tântalo e à raça detém, Para aliviar o pobre que cumpriu As agruras desta vida, Chamado ou não chamado, sempre atende... 40</p> |
|--|-----------|---|

Análise: Esta ode repete temas anteriores e características semânticas já identificadas. Contudo, tem uma particularidade muito interessante: a presença da morte como elemento retórico para a argumentação do afastamento das riquezas pelos homens. A menção ao Orco também é importante, porque, ainda que o epicurista Horácio pareça mostrar-nos a todo o tempo que não compactua com esse panteão no sentido de serem os seus deuses os donos das vidas dos mortais, ele é um elemento escolhido para sensibilizar o leitor! E essa é uma construção literária que mais tarde vai povoar a literatura doutrinária medieval que, por sua vez, elegerá o próprio Horácio, assim como a outros antigos, como uma de suas *auctoritates*.

IV. Conclusão

Horácio recorre a alguns elementos lingüísticos, como o ouro, para marcar bem seu campo semântico representativo dos bens materiais e da riqueza que tanto combate. Já o vinho e os elementos da natureza se encarregam de preencher o imaginário poético do que seria, para o poeta, a sobriedade de uma vida simples e, portanto, feliz. Mas notamos também que fica difícil separar as unidades temáticas pelos poemas. Tanto a simplicidade como a renúncia aos bens materiais muitas vezes tangenciam a questão da *aurea mediocritas*. Contudo, não há surpresa neste viés literário horaciano. Todas as três vertentes temáticas estão profundamente enraizadas numa mesma raiz epicurista. Ora, o próprio *carpe diem* também está presente de alguma forma em todos os poemas escolhidos, seja num verso, seja numa referência, seja num contexto maior.

No mais, haveria pouco a dizer ou acrescentar tendo em vista o que já expusemos acima. Poderíamos apenas corroborar o pensamento de alguns teóricos da literatura em relação ao fato de que a literatura é, inevitavelmente, uma extensão autoral, um reflexo de uma contextualização cultural qualquer. E Horácio demonstra isso muito bem. Tão bem que ele consegue dar cores subjetivas e de encomenda por parte de Augusto a um gênero literário que, *a priori*, faz-se, por definição, apenas por ímpetus subjetivos ou inspiração. Em outras palavras: as *Odes* de Horácio, ao invés de serem uma lírica impregnada de subjetivismo, pautada pelo eu-lírico do poeta – e o são, mas não apenas –, cria uma grande urdidura onde o lirismo, a obra por encomenda, a sátira poética sutil, a filosofia epicurista como grande contexto de mentalidade, o olhar (diacrônico mas nem por isso equivocado) antropológico e mesmo psicológico compõem uma lírica *sui generis*, uma manifestação literária única dentro da história da literatura latina.

Definitivamente, Horácio não é apenas mais um poeta latino, tampouco sua obra se restringe a figurar numa lista cronológica da literatura latina. Não. A lírica horaciana é um modelo original, de uma temática comum mas elaborada, (re)construída. As *Odes* de Horácio são muitas, e uma só ao mesmo tempo. Síntese poética de estados diversos de alma e confluência de doutrinas. Horácio é um filósofo poeta. Ou um poeta filósofo?

V. Bibliografia

BAYET, Jean. **Littérature Latine**. Paris : Armand Colin, 1950.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A Literatura Latina**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

FERRAZ, Bento Prado de Almeida. **Odes e Epodos**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

MARMORALE, Enzo V. **História da Literatura Latina**. Lisboa : Estúdios Cor, 1974.

PICHON, René. **Histoire de La Littérature Latine**. Paris : Hachete, S/D.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GRANT, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GIORDANI; M.C. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Vozes; 1972